

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	26600	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros	16300	N.º avulso ou pago á entrega
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 45

1 DE NOVEMBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
E correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro osr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Exposição portugueza no Rio de Janeiro, R. — Africa, o tenente Lourenço da Rocha no Dahomé em 1878-1879, ALBERTO DE CERVAES — AS NOSSAS GRAVURAS — Manuel Borges Carneiro, BRITO REBELLO — Casas da moeda em Evora, apontamentos, A. F. BARATA — Justiça... e justicas, a Camillo Castello Branco, SILVA RAMOS — Bibliographia.

GRAVURAS. — Exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879 — Sala de D. João v, Exposição da ourivesaria — Exposição de sedas na sala do Marquez de Pombal — Exposição de instrumentos musicos, na sala de

Marcos Portugal — Exposição de cabos e pollames, na sala do Infante D. Henrique — Exposição de mobílias, na sala de D. Pedro v — Africa, sacrificios humanos no Dahomé, a que assistiu o tenente Lourenço da Rocha — Funeraes do rei do Dahomé — Helenita Nicolay — Viagens celebres, Golden Gate, escaler que fez a viagem de Boston a Cabo Verde, o capitão Herber e o piloto Andrew Coombs — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Se o leitor exige de mim a conta exacta dos defuntos que a ultima eleição produziu nos diversos circulos do paiz, desde já declaro que

ainda me não foi possível contal-os, nem averiguar em verdade qual o numero de mortos honorarios e qual o de cadaveres effectivos.

Que cada partido contendor arrogou a si o maior numero de finados que lhe foi possível, arremesando com as mortalhas ensanguentadas á face dos seus contrarios, é um cazo que todos nós ahi presenciámos; entretanto como se deu a circumstancia de muitos d'esses finados, passada a hora da lucta, se levantarem, sollicitados pelos deveres dos seus cargos como vivos, não é possível formular uma estatistica exacta dos que baquearam fulminados pelo punhal dos sicarios nem dos que caíram trespassados pelo florote dos rethoricos.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879



SALA DE D. JOÃO V — EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA (Segundo uma photographia de Marc Ferrez)

Sicario é o nome dado ultimamente no vocabulário da politica nacional a todos os que commungam n'uma pia diversa.

Os negociantes do suffragio parece, entretanto, haverem feito bom negocio. O mercado esteve extremamente animado, e os eleitores que se venderam não podem em verdade queixar-se de que este anno a providencia tenha sido avara de bolota constitucional.

N'este momento, pelos cafés, pelos restaurantes, pelos clubs, e pelas casas particulares, não se faz outra cousa senão commentar o resultado da lucta. Lisboa, como toda a gente sabe, mostrou-se ainda mais uma vez a austera cabeça pensadora d'este grave corpo politico que tão amigo é dos governos constituídos, a ponto da gente suppôr que os governos hão de passar e elle ha de ficar ainda a votar nos governos!

Na capital, ao que notaram alguns jornaes, observou-se uma extrema decrescencia de idéas extremas. A Anthero do Quental, o suffragio deu cerca de duas duzias de votos, a Theophilo Braga, pouco mais, a Latino Coelho, quasi a mesma cousa! Isto no momento em que Paris vota no communalista Herbert, para conselheiro municipal, representa uma eloquente lição para os povos! Lisboa não acceta as perversas theorias revolucionarias. E' a cidade da Europa em que ha mais serenidade e mais typhos, desejando apenas que a deixem dormir acompanhada de tudo o que constitue o seu patrimonio historico, desde o ideal politico até á canalisação.

Anthero do Quental, o austero pensador, Theophilo Braga, o sabio professor, Latino Coelho, o academico illustre! Tinha que ver se a primeira cidade do paiz manchava os seus braços, votando em qualquer d'estes nomes que representam manifestamente uma nota discordante á noção que a cidade tem dos systemas politicos por que os povos se regem.

Só com uma condição Lisboa se atreveria a votar n'elles. Era se, porventura, em vez de se apresentarem com um ideal á bocca da urna, se apresentassem com uma bolça. Oh, então sim, pois que a cidade parodiando o dito de Francisco 1, gosta sempre de bradar no dia seguinte áquelle em que se fere a campanha eleitoral: — *Tudo se perdeu menos o voto!*

Dêem-me um credito, não politico, mas sobre um banco, que eu, simples chronista, me comprometo a fazer eleger por Lisboa conservadora o proprio sapateiro Simão!

Emquanto a capital *negocia*, a provincia emancipa-se, impondo as suas notabilidades e collocando os seus bachareis. Não ha hoje burgo em Portugal que não possua o seu joven advogado cheio de aspirações e de crenças, morrendo por sacrificar-se no altar da Havaneza, e encostando-se pensativo ao balcão do parlamento. A provincia, como boa mãe, alimenta nos cavacos da pharmacia e nas assembléas geraes da philharmonica local, tão patrioticas ambições e quando o poder executivo dá ordem para os governadores civis consultarem a urna, a provincia então ergue-se e apontando para uma cabeça bezuntada de banha que tem carinhosamente encostada ao seio, pede ao governo, com uma tranca nos olhos e a lagrima atraz da orelha, que adopte, como filho, aquelle manco desvalido, que é exactamente da opinião do ministerio, e que está prompto no parlamento a ser d'outra qualquer que o governo entenda conveniente a favor das prosperidades publicas!

Toda a gente viu como, por exemplo, Pinheiro Chagas foi ha pouco vencido por um capricho d'estes. Pinheiro Chagas tinha sido durante umas poucas de sessões, só por si, uma força parlamentar e quasi uma opposição inteira. Disentiu a guerra, a marinha, a fazenda, as obras publicas, trouxe em sobresaltos um ministerio, fez comparecer o poder executivo a horas, encheu as tribunas de espectadores, imprimiu impeto ás sessões, deu em fim, esplendor ás luctas da palavra.

Chega o mez de outubro, e um filho amado da Covilhã pede o diploma para si. A Covilhã, commovida, escutando o conselho do adminis-

trador, não resiste á supplica, e ahi a temos resumida a possuir unicamente para gloria do seu nome alguns excellentes lanificios! Nunca mais Lisboa fallará d'ella senão para dizer, por ventura, que os seus pannos pilotos são quasi eguaes em qualidade aos estrangeiros e os seus bachareis, sob o ponto de vista parlamentar, menos apreciaveis que os seus briches.

— Lisboa já estava farta realmente de tanta celebridade ambulante de que o mundo nos ultimos tempos se havia despojado para nos impressionar. Tivemos o primeiro atirador do mundo, o primeiro thaumaturgo do mundo, e o primeiro domador do mundo, em menos de tres semanas! Era necessario que viesse uma novidade que, sem ser a primeira do mundo, tivesse ao menos o condão de ser a primeira da cidade.

O theatro de S. Carlos abriu finalmente e a sua primeira recita foi d'aquellas que deixam grata impressão no animo dos espectadores, como costumam dizer os noticiarios. D'esta vez S. Carlos fez uma variante ao repertorio sentimental que tão fundas raizes tem ainda no coração da baixa, e em vez de abrir com o *Trovador*, ou, quando muito, com o *Rigoletto*, abriu com a *Africana*.

Foi talvez espantado por este arrojo theatral que o publico se manteve reservado na primeira noite.

A sr.^a Erminia Borghi-Mamo, a quem na opera coube o papel de Selika, é filha de outra do mesmo nome que S. Carlos applaudiu ha uns quinze annos, creio eu, cantora de grande talento e de bello perfil dramatico. De ordinario estas creaturas privilegiadas quando morrem, não mettem no seio dos entes queridos, debruçados sobre o seu leito, — á maneira de um retrato ou de uma madeixa de cabello — a inspiração e o genio...

Com relação a Erminia Borghi-Mamo não se pôde, porém, dizer assim. Evidentemente, ha na alma d'ella a fainca do genio maternal e conhece-se logo que, á face do mundo lyrico, é a legitima herdeira de um bello perfil de cantora!

Possue um grande methodo elegante, uma maneira moderna, uma dicção purissima e, sobretudo, não canta com uma grande voz, canta com uma grande alma.

Pandolphini, um antigo conhecimento de S. Carlos, fez o Nelusko com o mesmo impeto de artista que os *dilletanti* já lhe conheciam ha muito, se bem que com menos alguma voz. O publico recompensou-lhe com palmas os louvaveis esforços vocaes que o bravo artista empregou para ser digno da reputação alcançada em trinta annos, salvo seja, de carreira theatral.

O tenor Bulterini, Guido d'Arrezo, foi em todo o decurso da opera mais alguma coisa do que um tenor discreto — que é por fim de contas o peor genero que eu conheço, — foi um tenor satisfatorio; ameno, mas afinado. Ha tenores que duram apenas uma semana em S. Carlos. Bulterini pôde, á vontade, durar a epoca toda.

Entre as mais estranhas originalidades da primeira recita, sobresahiu a manifestação feita pelo publico em S. Carlos, com relação a uma obra d'arte.

O caso foi o seguinte. Como estava annunciado, antes da primeira arcada, levantou-se o velho panno de boca e appareceu o novo, pintado pelo scenographo escripturado ha pouco pela empreza. Houve um momento de sensação, logo seguido de uma pateada quasi unanime!

O publico sentia-se roubado n'um *terreiro do Paço* com que ha trinta annos o theatro lyrico lisonjeava as suas predilecções burocraticas! Em vez das arcaicas das secretarias, havia um pintor amaldiçoado que se atrevia a offerecer-lhe verdura!

A pateada era a reprehensão de um publico cordato a um pintor sem rhetorica.

O novo scenographo de S. Carlos tem inegavelmente uma grande aptidão, mas foge do convencionalismo a que estão costumadas as platéas lyricas. Na sua scenographia ha deta-

lhes admiravelmente pintados, com uma facilidade extrema, á maneira moderna; o *impressionismo* captiva-o. Vê-se logo que é um artista que foge da rhetorica scenographica da lua e da agua, de facil e seguro effeito no theatro.

Ora, entre a estatua de D. José 1, e o *realismo na arte*, medeia uma distancia que certamente as nossas platéas não transporão n'estes vinte annos mais chegados.

Eis aqui o motivo por que o publico achava falso, por não ter nuvens, o céu do panno de bocca, e verde de mais, por não estar na praça da Figueira, a verdura do primeiro plano.

Se o scenographo tem posto a lua nas bambolinas, e a sr.^a Borghi-Mamo a voz nas alturas, a primeira recita da *Africana* ficaria memoravel nos fastos lyricos. Assim foi excellentemente, mas o entusiasmo da platéa exigia que tudo subisse — como o preço das entradas.

— Entrámos no outomno, presenciamos a queda das folhas, assistimos á partida das andorinhas, observámos o sol de outubro mergulhando no Oceano a sua fronte afogueda, sem que, felizmente, a poesia lyrica nos viesse explicar estes casos em versos melancolicos tocados d'um ou outro endecassylabo errado.

Em compensação d'esta abstinencia de sentimentalidade, deparei diante de mim com alguns livros novos, firmados por nomes dos mais honrados e mais festejados nas letras patrias.

Fica-lhes reservado um logar na chronica seguinte.

GUILHERME D'AZEVEDO.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO

No anterior numero do OCCIDENTE reproduzimos as vistas de algumas salas em que a exposição portugueza promovida pela Companhia Fomentadora, se acha instalada, no Rio de Janeiro, no edificio da Typographia Nacional. Damos hoje outras vistas identicas respectivamente ás outras salas em que os productos da industria nacional se acham expostos satisfazendo assim ao empenho que temos de que o OCCIDENTE seja uma publicação accenduatamente portugueza, aonde fiquem registrados pela escripta e pela gravura todos os acontecimentos que se relacionem com o nosso modo de ser em todas as manifestações d'ordem economica, politica, artistica e scientifica.

Sala de D. João V. — N'esta sala acham-se expostos os productos da ourivesaria portugueza, entre os quaes sobressaem d'um modo notavel as delicadissimas obras de filigrana de prata, e outros artefactos das officinas do Porto e Lisboa.

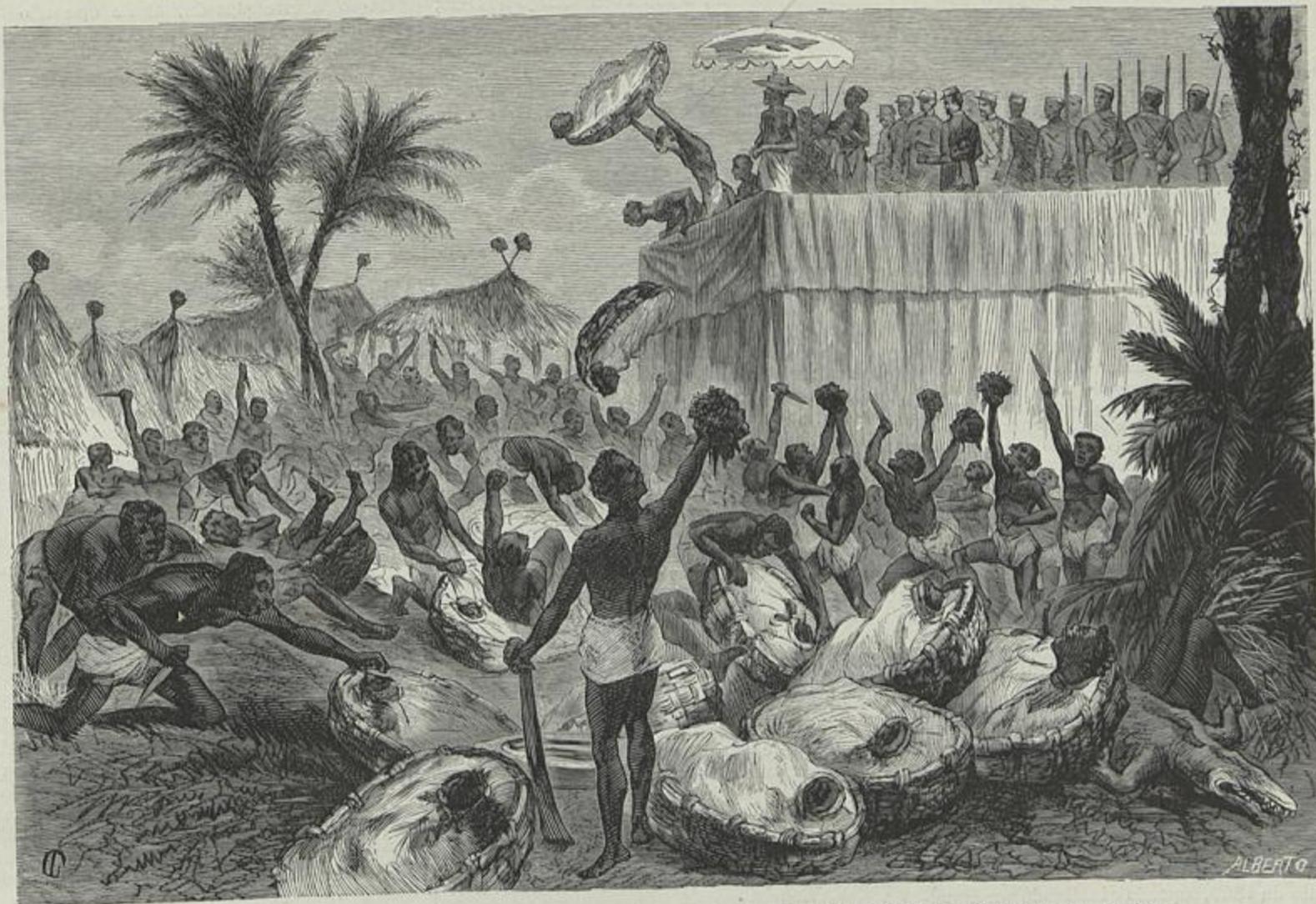
Sobretudo, d'entre os riquissimos objectos dessemelhados pelas vitrines e elegantes mostradores, as filigranas destacam-se como um primor, pelos seus delicadissimos rendilhados, pela originalidade do seu desenho, pela bizarría dos seus arabescos. Quando se pensa que estes productos saem pela maior parte da mão de rusticos operarios sem cultura artistica e sem a mais singela noção do desenho, antevê-se o que poderia produzir tão grande destreza se fosse auxiliada por uma adequada instrução professional.

As outras obras d'ouro e prata não se distinguem pela originalidade, e são na maior parte calcadas sobre modelos francezes, tornam-se comtudo notaveis pelo bom acabamento e por uma solidez não vulgar em identicas obras estrangeiras.

Entretanto, com relação á ourivesaria, a *sala de D. João V.*, encerra o bastante para demonstrar que Portugal possui n'este ramo industrial um nucleo de operarios e de artistas sufficientemente habéis para hombraer com os primeiros, desde que uma simples educação professional lhes imprima a direcção conveniente.

Sala do Marquez de Pombal. — É esplendida e variada a colleção de tecidos expostos n'esta sala. É manifesto o desenvolvimento da industria fabril em Portugal nos ultimos tempos, e nas recentes exposições alguns fabricantes nacionaes tem conseguido ver o seu nome laureado a par d'outros celebrados no estrangeiro. Em pouco mais d'um seculo a industria dos tecidos alcançou em Portugal uma perfeição extremamente notavel e dos productos da Real Fabrica das Sedas, edificada no largo do Ratto, até aos magnificos tecidos expostos hoje pelo sr. Cordeiro e Irmão, vae um longo caminho andado, inegavelmente.

Na exposição figuram, alem dos tecidos mais valiosos, taes como o brocatel, o reps, o faille, e outros estofos de luxo, os simples tecidos de lã e algodão, cotins, chales, pannos, alcatisas e uma infinidade de productos das



AFRICA — SACRIFICIOS HUMANOS NO DAHOMÉ A QUE ASSISTIU O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA

AS NOSSAS GRAVURAS

HELENITA NICOLAY

A joven Helenita, de que damos hoje o retrato, é a interessante sibylla que, por algumas noites, encantou ultimamente a platéa do theatro do Gymnasio com os seus admiraveis trabalhos de magia moderna.

A joven Helena distingue-se particularmente nos exercicios de alta memoria, presciencia e dupla vista; é uma especie de *Debora* resuscitada. No tempo das prophetisas e das pythonisas, em que o mysterio e o enigma dominavam o mundo, em que os oraculos e as crenças nos augures impunham a adoração aos povos ignorantes e fanaticos, teria sido uma *Semi-Deusa*. Hoje porém, que a singela e graciosa fada apparece no meio de uma sociedade civilisada, admira-se n'ella a sua intelligencia, graça, e a confiança que no seu trabalho deposita seu pae o dr. Faure Nicolay, não menos notavel como prestidigitador.

Esta menina, que conta apenas 13 annos de idade, tem percorrido já todas as capitães do mundo civilisado, e obtido por toda a parte um completo triumpho, espalhando ao mesmo tempo na sua passagem as flores e o orvalho da caridade sobre os desvalidos, nas numerosas recitas a que tem prestado o seu valioso concurso em favor dos necessitados.

Talento, graça e virtude



AFRICA — FUNERAES DO REI DE DAHOMÉ (Segundo um desenho de G. T. Valdez)

tudo se reúne, pois, na interessante artista cuja physionomia não desmente as preciosas qualidades que adornam o original.

O GOLDEN GATE

Entre os arrojos de navegação emprehendida em todos os tempos, deve mencionar-se a travessia do Oceano Atlantico, levada a cabo ha pouco, por dois tripulantes n'um simples escaler que em 58 dias de viagem, alcançou vir de Boston a S. Thiago de Cabo Verde.

No Porto da Praia foi tirada uma photographia d'este baquinho e dos seus dois tripulantes, e sobre ella é feito o desenho que hoje figura nas paginas do OCCIDENTE, visto ter sido n'um porto portuguez que o *Golden Gate* fez a sua primeira paragem.

O *Golden Gate* foi construido em Boston e lançado ao mar em 1 de julho de 1879. A sua quilha mede em todo o comprimento 17 pés e 6 pollegadas, e a boca na linha de fluctuação 5 pés e 4 pollegadas. Comprimento de roda a roda 19 pés. Pontal dois e meio.

Tem um mastro fixo com uma vela triangular, duas hujarronas e uma mezena volante: a sua arqueação é de uma tonelada e quatorze centesimos. De noite iça um pharol encarnado no mastro. Possui dois tanques de cobra para oitenta galões d'agua, e é construido de madeira de cypreste de uma pollegada d'espessura. Em caso de mau tempo recolhe o apparelho.

A ré ha um pequeno buraco em fórma de poço, aonde se senta o homem do leme.

Quando o tempo é muito e não pôde aguentar de capa, larga pela proa, amarrado a um cabo, um sacco de chumbo, afim de ficar aproado ao mar; e os dois tripulantes fecham-se dentro, ficando um a graduar o ar por um pequeno orificio que ha na escotilha.

Na travessia de Boston para Cabo Verde, o *Golden Gate*, como o mar fosse muito forte, virou-se duas vezes, mas tornou a indireitar-se sem inconveniente maior nem para si, nem para os tripulantes.

No dia 17 de setembro ultimo, largou este curioso barquinho da cidade da Praia com destino ao Cabo da Boa Esperança e Melbourne, aonde figurará na exposição de 1880, seguindo depois para S. Francisco da California e d'ali outra vez para Boston, — mas d'esta vez pelo caminho de ferro.

Os intrepidos tripulantes do *Golden Gate* são o capitão Herbert B. Burrell e o piloto Andrew Coombs, e a sciencia e a pericia d'elles; nada mais.

E lá vão todos pelos mares fóra, zombando da furia das ondas e do ludibrio das tempestades!

Seja dito de passagem, que os commettimentos como os do *Golden Gate*, representam mais uma aventura maritima do que um progresso scientifico na moderna navegação. É certo, entretanto, que a coragem do homem é mais bem empregada assim, do que, por exemplo, em matar o seu semelhante nos campos de batalha.

Os navios da construcção do *Golden Gate*, sem poderem ir ao fundo, pouco se importam com a velha *estrella da bonança*, entretanto que ella lhe seja propicia!

MANUEL BORGES CARNEIRO

III

1823-1828

(Continuado do numero antecedente)

Os successos de 1823 vieram paralyzar o progresso racional da liberdade portugueza. O paiz que até ahí se mostrara entusiasta pelo movimento de 1820, soprado e instigado por aquelles cujos privilegios, acções ou abusos eram atacados pelo novo systema político, pareceu pender para a reacção. Os fautores d'ella não pararam. Algum tempo depois, tentou-se de novo uma sublevação contra D. João VI. Começára ella surdamente no paço e promovida pelos mesmos agentes da primeira. O assassinato do marquez de Loulé, uma noite dentro do proprio paço real, foi o primeiro passo. Encetada uma devassa sobre este facto, houve de parar logo, em vista dos nomes que primeiro appareceram denunciados como auctores. Emfim, a tempestade explodiu, e a 30 d'abril de 1824, determinou-se a revolução tramada por D. Miguel e sua mãe para arrebatarem, talvez mais do que o poder, a D. João VI. Refugiou-se o rei a bordo da nau ingleza *Windsor-Castle*, por conselho dos agentes estrangeiros, receiosos, e não sem motivo, de algum attentado mais directo sobre a sua pessoa. D'ali, onde se lhe juntou o marquez, depois duque de Palmella, assumiu os seus poderes, destituiu dos que lhe havia conferido, ao rebelado infante, que desterrou para Vienna d'Austria.

Borges Carneiro, demittido do seu cargo, como dissemos, acolhera-se á vida privada, e ahí continuava os seus estudos e trabalhos litterarios, que pelo tempo adiante foi publicando. A sua acção na politica d'esse tempo não podia ser nenhuma. A sua alma, de rija tempera, feita pelos exemplos do civismo antigo, illustrada por um estudo consciencioso da liberdade, desabrochava em torrentes de patriotismo, convertendo as suas idéas em leis, os seus sentimentos ora em louvor e applauso do bom e do justo, ora em invectivas contra os abusos e crimes. E' assim que ainda em fevereiro de 1823, quando nas cortes representava um dos mais brilhantes papeis d'aquelle heroico certamen, escrevia uma notavel carta a Luiz XVIII de França, ácerca da ingerencia nos negocios politicos de Hespanha. Passaram pois os tres annos de 1823 a 1826, em que o seu espirito penetrante devia reconhecer quão pouco digno dos esforços de tanta alma sincera e patriótica, era o povo, que nada via melhor que os frades e os inaufereis direitos de um absolutismo apodrecido pela inepecia.

Chegou, porém, o dia 10 de março de 1826, e com elle o fallecimento de D. João VI. Immediatamente foi aclamado D. Pedro IV, que a 29 de abril outorgava uma carta constitucional, e a 2 de maio abdicava a corôa em sua filha D. Maria II, continuando como regente em seu nome a infanta D. Izabel Maria, que havia sido nomeada a 6 de março por seu pae. Foram convocadas tambem por decreto de 30 de abril as primeiras côrtes, fóra do praso marcado na constituição.

Procedendo-se ás eleições geraes não podia ficar esquecido o nome do honrado cidadão. Borges Carneiro foi eleito deputado pela provincia da Beira. Ainda que um pouco tarde, fundado no decreto de 30 de setembro, era passado a 16 de outubro o seguinte alvará: «Eu a Infante Regente em nome de El-Rei, Faço saber, que por justos motivos que me foram presentes, e se fizeram dignos de consideração: Hei por bem restituir a M. B. C. ao exercicio de desembargador da Relação e casa do Porto, ficando sem effeito o Decreto de 17 de julho de 1823, porque foi demittido do dito logar.» E, coincidência notavel, era este documento registado na Torre do Tombo no dia 31 de outubro, dia da primeira sessão das novas côrtes.

Abriam-se estas debaixo dos melhores auspícios, mas não obstante a consideração de pares que foi dada aos principaes fidalgos do reino, parece que uma grande parte d'estes não acceitaram do coração a nova ordem de coisas, e não sei como podem defender-se do crime de deslealdade e perjurio esses homens que, durante dois annos entraram e figuraram em todos os actos politicos do paiz, como subditos de D. Pedro IV e de D. Maria II, que consideraram seu legitimo soberano, e depois consideraram da mesma fórma D. Miguel, o instrumento cego e duas vezes criminoso de D. Carlota Joaquina.

O discurso do throno é notavel porque consigna o seguinte: «Que o solo portuguez não conheceu desde seculos outro governo politico, que não fosse o monarchico-representativo,» e depois de fazer um appello á consciencia dos parlamentares, termina, com a expressão de convencimento em que está, de que depois dos trabalhos das camaras possam todos dizer: «achámos Portugal enfermo e languido; deixámo-lo viçoso e florente.» Ainda a Providencia o não tinha decretado. Era preciso o martyrio para consolidar uma idéa tão pacificamente proclamada.

Logo na primeira sessão foi Borges Carneiro nomeado para uma das comissões de verificação de poderes.

A sua figura n'estas côrtes parece não se achar já animada por aquelle entusiasmo e calor que tanto o accendia nos primeiros tempos. Poucas vezes se ouve a sua voz. No principio da sessão parece ter-se achado doente, pois achamos que pediu escusa, não comparecendo nas primeiras sessões. O tribuno popular parece suspeitar da sinceridade dos que o cercam, ainda que uma ou outra vez diga o contrario.

Convencido de que um povo precisa afirmar as suas conquistas por monumentos, que sirvam de animar e tocar a imaginação dos vindouros, requereu logo na sessão de 6 de novembro, que se erigisse um monumento ao rei constitucional; proposta que varias vezes renovou, de que apresentou um projecto, que foi examinado e em parte approvado. O homem que accusara com linguagem vehemente e energica o principe, quando este se mostrara pouco respeitoso para com a representação nacional, applaudia-o agora, que elle se mostrava digno das aspirações da nação. Verdadeiro liberal, Borges Carneiro atacava os inimigos da liberdade, mas o seu animo franco e generoso, quando estes se mostravam arrependidos e se enfileiravam nas phalanges liberaes, já se não lembrava do peccado que elles haviam commettido.

O desejo de fazer quanto possivel conhecidos os trabalhos da Assembléa popular de 1821 a 23, fez-nos ser alguma cousa minuciosos com

relação a este periodo, ainda que não tanto quanto fóra mister, porisso seremos agora mais remissos.

Esta sessão extraordinaria não teve a importancia das primeiras côrtes. Algumas propostas se discutiram. Borges Carneiro insistiu pela execução do artigo 126.º da Carta que manda ser publicas a inquirição das testemunhas e mais actos do processo depois da pronuncia. Por mais de uma vez insta n'este assumpto. Na discussão da inviolabilidade da casa do cidadão fallou por mais de uma vez. Nas questões capitais não deixa d'ouvir-se a sua voz, e então assume a mesma energia de outros tempos.

A reacção levantava o collo por diferentes partes, foi necessario desenvolver e mobilisar forças. — Os Generaes Marquez d'Angeja, Conde de Villa Flor e Stubbs, coadjuvados por outros dispersaram os rebeldes. E quando a Camara quiz tratar da reforma dos pesos e medidas, Borges Carneiro, disse que com quanto a medida fosse util, na occasião presente as provincias careciam mais de medidas para a defeza do territorio e liberdade.

Officiaes de milicias tinham revoltado os seus subordinados, e recebiam os soldos por intermedio dos seus procuradores; depois de terminada a revolta, voltaram a suas casas e ninguém os incomodou; apresentou-se um projecto para que fossem chamados aos quartéis generaes afim de responderem pelo seu procedimento. Houve quem impugnasse a medida. Borges Carneiro disse poucas, mas energicas palavras a esse respeito e terminou: «não digo mais, nem quero fallar, que muito haveria que dizer com tanta omissão e incuria.»

Quando se apresentou um projecto de emprestimo de 4:000 contos, e de impostos sobre varios artigos de consumo, impugnou fazendo uma proposta para que fossem tributados os bens da corôa, esta proposta fez pender a Camara para a sua opinião, o que quasi sempre succedia, e para a commissão apresentar o seu parecer, foi elle convidado a discutir com ella, apresentando depois nova idéa, por ser impraticavel a primeira.

Passaram-se assim as tres sessões de 1826, 1827 e 1828.

N'esse intervalllo fóra Borges Carneiro nomeado, em 14 de dezembro de 1827, desembargador ordinario da casa de supplicação; encetou a publicação do *Direito Civil Portuguez*, cujos primeiros tres volumes saíram dos prelos da Imprensa Regia de 1826 a 1828, sendo publicado o 4.º posthumo em 1840; e imprimiu o *Resumo de alguns dos livros santos em 1827*; estes trabalhos foram naturalmente começados e preparados durante o periodo em que esteve demittido.

N'este ultimo anno, (1828) D. Miguel, cujo contracto de esponsaes com sua sobrinha a Rainha D. Maria II fóra solememente celebrado em Vienna d'Austria em 1826, assumiu a Regencia em nome d'ella: achando-se senhor do poder, concertando-se com os seus antigos apaniguados, e seguindo os antigos, e agora mais desassambrados, conselhos de sua mãe tirou a mascara, dissolveu as côrtes a 13 de março, convocou a 3 de maio os tres Estados, segundo a forma obsoleta, porque lhe era certo poder alli dominar pela nobreza e clero, e aclamou-se rei absoluto em virtude da deliberação dos referidos tres Estados de 30 d'aquelle mez, seguindo-se d'ahi uma perturbação completa na ordem e vida interna do paiz.

(Conclue.)

BRITO REBELLO.

CASAS DA MOEDA EM EVORA

APONTAMENTOS

Talvez se não possa hoje precisar o local ou locaes em que se bateo dinheiro n'esta cidade, pois que do cartorio da Camara e na parte catalogada de suas materias nada consta. Possivel seria que da leitura dos livros das actas,

que se conservam desde o século XVI, alguma noticia se colhesse; é, porém, de prolongado trabalho essa leitura, para que me fallece o tempo.

Porei, comtudo, aqui o que a tal respeito descobri nos cinco volumes manuscritos de *Indice dos originaes* da mesma camara, obra realisada pelo fallecido conselheiro Rivara:

Ordenação de D. Fernando mandando recolher e pagar as *Barbudas* que corriam e tinham menos valor do que deviam ter. Coimbra 8 de Fevereiro de 1416.

Liv. I dos Indices n.º 21. — Carta de el Rei á camara prohibindo a saída do reino aos *Reaes brancos*, que Mouros e Judeus para tal fim compravam por mais elevado preço. Cintra, 3 de Julho de 1461.

Outra sobre o mesmo assumpto. Cintra, 3 de Julho de 1462.

Idem n.º 132 — Carta de el Rei á camara fazendo-lhe saber que manda cunhar de ouro = *cruzados e justos*, que valerão dois *cruzados*, e de prata, *Reaes de prata* de 20 réis o Real e meios *Reaes* de 10 réis.

Manda recolher os *Dinheiros* que corriam de prata, os *Grossos* e os *Chinfrões*. Montemor-novo 25 de Dezembro de 1484.

Idem n.º 293 — Carta de el Rei á camara agradecendo-lhe o promptificar prata para lavramento de moedas. Samora Corréa, 23 de Janeiro de 1486.

Idem n.º 308 — Ordem regia para que se retirem da circulação as moedas cercadas, durante o anno de 1517. Lisboa, 28 de Julho de 1517.

Idem n.º 803 — Ordenação de el Rei mandando que se não lavre mais a moeda de cobre de 10 réis, cinco e tres réis, mas só as de *ceitil* e de *real da forma*. Lisboa, 22 de Outubro de 1356.

N.º 1:518 — Alvará sobre as moedas de prata, declarando o peso e valia dos *tostões*, *meios tostões* e *vintens*. Salvaterra, 22 de Abril de 1570.

N.º 1588 — Lei para que os *quartos* castelhanos não corram sob pena de morte. Lisboa, 8 de Junho de 1618.

N.º 2:237 — Ordem do marquez almirante ao vedor da fazenda, Luiz Contador d'Argote, superintendente da casa da moeda da cidade de Evora para que se feche *visto não haver que obrar n'ella*. Lisboa, 19 de Junho de 1669.

Liv. V de registro pag. 324. — Lei sobre o valor do dinheiro. Lisboa, 3 de Fevereiro de 1642.

N.º 2:390 — Alvará del-Rei á camara para se entregarem aos assentistas os rendimentos do cunho do dinheiro que manda fazer no Alemtejo. Lisboa, 8 de Abril de 1642.

N.º 2:393 — Documento dizendo que na casa da moeda se cunham moedinhas de 480 réis (ouro) e mandando que corram. Lisboa occidental, 5 de Dezembro de 1718.

N.º 4:458 — Carta do Corregedor Manuel dos Reis Bexiga á Camara para apromptar casas para os moedeiros que veem a Evora com fabrica de Serrilha de moeda. Evora, 13 de Fevereiro de 1733. — *Liv. XV dos orig. pag. 156.*

Parece que fôra D. Fernando quem primeiro mandara cunhar moeda em Evora, pois que d'elle se conhece *meio tornez*, descripto com o numero 50 no catalogo de E. L. Ferreira Carmo.

D. João I batteu moeda n'esta cidade, conhecendo se dois typos de *reaes*, um com as quatro letras: E-V-OR, e outro com duas: E-V.

De D. João IV conhecem-se *tostões*, *meios tostões*, *dois vintens* e *vintens* de prata, cunhados em Evora.

A. F. BARATA.

Evora.

JUSTIÇA E... JUSTIÇAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Por mais de uma vez a sr.ª Anna dera tento de colloquios da natureza d'este, e fizera, como

se lá diz, vista grossa. A pequena não lhe ia mal se aquillo fosse por diante; o rapaz tinha de seu e além d'isso era dotado de um bom arcabouço e de dois robustos braços para arcar com o trabalho. A rapariga pegára a queixar-se do peito, e, embora ella propendesse a acreditar que a doença não passava de um pretexto para encontros amorosos, não se eximia de pensar: «lá que ella é fraquita isso é. Bem pôde ser que com o casamento arribe; que, afinal, do que ella precisa é de homem.» Explicava de si para si a Anna do Sargento com um conhecimento de physiologia digno de Marie Deraisme ou de Hermence Lesguillon.

E, como aquelles encontros se repetissem muitas vezes, a mulher disse um dia a Leonor:

— Olha, menina, se elle gosta de ti para bom fim, não tolho que lhe vás fallar ao muro do quinxoso que eu ficarei de atalaia, porque, emfim o lume ao pé da estopa sempre a pôde atear.

Saltou Leonor de contente, e, assim que se lhe deparou ensejo sem quebra na sua dignidade de mulher, disse ao Vicente que podia ir fallar-lhe ao quintello, tirando a partido que ella ficaria para além do muro e que elle, pela sua parte, não procuraria escalá-lo.

Pactuou o moço accitando todas as condições, e uma e muitas vezes convisinhou do pequeno horto com a doce alegria de quem ia a levar e trazer venturas. De uma vez dizia elle:

— Lembra se, Leonor, de quando a vi na romaria da Senhora das Dôres? Foi lá que eu me agradei da menina. Ia toda de branco e levava uma rosa encarnada no seio. Ao sair da egreja, a rosa despeçou-se-lhe do pé e eu corri a apanhá-la. Ainda lá a tenho.

— Bem me lembro. Tambem eu já sympathisava com o Vicente de o ver passar com a sua mãe, por signal, que eu dizia sempre de mim para mim: como aquelle rapaz é tão bom para a mãe! ha de dar, por força, um bom marido.

— E a Leonor gosta de mim?

— Ora essa, que pergunta!... O Vicente é que não sei...

— Eu muitissimo.

De outra occasião, como ao Vicente desagradasse a assiduidade do fidalgo, que, não contente de cruzar em frente da janella de Leonor, se fazia encontradiço com a moça nos passeios de manhã á herdade ou pela tardinha á orla da ribeira, o dialogo tomara a seguinte feição:

— Olha, Leonor, (já haviam trocado o tu das boas intimidades) se eu sei que o fidalgo te faz perder a cabeça, tenho alma de lhe acabar com a vida.

— Credo! O que tenho eu com o demonio do homem? A mim tanto se me dá que elle passe como que passe um cachorro.

— Pois elle assim será; mas eu, quando o vejo tenho gana de me atirar a elle.

— Tem juizo, Vicente, não vão essas cousas chegar aos ouvidos do fidalgo que ainda eu te veja em trabalhos.

Uma manhã, alguns trabalhadores que metteram pela azinhaga da «corte» deram com um homem, estirado de bruços no chão. Um d'elles pegou-lhe n'um braço, sacudiu-o, tentou erguel-o e encontrou a resistencia de um corpo inerte; affastou-lhe do rosto os cabellos empastados no sangue, e exclamou:

— Mataram o sr. D. Alvaro. E não foi outro, Deus me perdôe, senão o Vicente do Forno. Não se podiam ver. Ainda ha tres dias, andava eu a trabalhar lá embaixo ao pé da azinha, o fidalgo passou tão longe de mim como eu estou agora de você, sr. Manoel; o Vicente vinha da banda de riba, cruzou rente com elle e nem a mão levou ao chapéo. Vae este virar-se para o outro e diz-lhe mesmo assim, com licença: «Ó sua besta, você não vê quem vae?» O Vicente fez-se branco como a cal da parede e não disse uma nem duas, enfiou pelo atalho fóra e lá foi para casa.

— Bem, deixemos isso para depois; agora

vá um de vocês dar parte á auctoridade, lem brou um dos do grupo.

— N'essa não caio eu, e se disserem que fomos nós?

— Isso que monta? Olha, Francisco, a verdade anda sempre ao cimo d'agua; mais por aqui, mais por alli, sempre ha de vir a saber-se.

— Então vá lá você já que tanto falla; eu não que tenho mulher e filhos... quem as fez que as desmanche.

— Ai não querem? pois eu lá vou e have-mos de ver se são capazes de dizer que fui eu, decidiu resolutamente o Manoel da Nora, e foi seguindo para casa do regedor, enquanto os outros, de costas voltadas para o morto, confirmavam com razões da sua lavra a hypothese de haver sido o Vicente o assassino de D. Alvaro de Mendonça.

Ao tempo ia-se juntando muita gente. O caso, passado de bocca em bocca, não tardára a percorrer o povoado. Quando Vicente saia, como de costume, no encalço da namorada, sentiu-se agarrado por dois cabos de policia que, depois de o terem apalpado e de se haverem certificado que não levava armas comsigo, responderam com phrases de beleguim ao gesto de Vicente que os encarava attonito.

Felizmente, Leonor, não saíra a passeio n'aquella manhã. Na vespera seroára até muito tarde no intento de acabar um vestido para a festa da Senhora d'Agosto; de sorte que já o sol ia alto quando despertou. A pobre menina se tivesse tido conhecimento do successo no meio da rua, teria caído sem sentidos, como lhe aconteceu quando a Anna lhe entrou no quarto a gritar: «Ai, filha, reza a Nossa Senhora que o Vicente está entre os ferros d'el-rei,» e que ella se recordou da conversa que por vezes tivera com elle. A amante do boticario, ao vel-a desmaiada, correu a chamar o tio que veio todo afreimado, sem poder atinar com a causa do esvaciamento da sobrinha. Segundo elle, o caso do Vicente era muito para entristecer, mas não podia, de per si, explicar um desfallecimento. O bom homem no tocante a affinidades conhecia escassamente as da chimica no ameno trato dos saes e acidos.

Quando Leonor voltou a si e deu de cara com a Anna, recordou-se e perguntou-lhe:

— Porque prenderam o Vicente?

— Foram dar com o sr. D. Alvaro morto na azinhaga e pegaram a dizer que foi elle quem o matou.

— O Vicente, meu Deus?!...

— O rapaz ia muito descansado a sair de sua casa quando lhe deitaram a unha.

— Mas não foi elle?

— Credo! Elle era lá capaz!...

— Ai, tí' Anna, muito desgraçada sou eu que não morro já aqui!...

— Calla-te lá, menina, que não vá Deus castigar-te. Apega-te com Nossa Senhora dos Afflictoes que ainda has de ser muito feliz.

— Ó meu Deus, como hei de eu resistir quando vir passar o Vicente na leva de condemnados ás galés! Melhor me fôra morrer que levava comigo a esperanza d'elle vir a ser absolvido.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Alcaide de campo, ou coxo ou manco.

— Qual morte, nem qual carapuça! Aqui ninguém morre! O pae ha de lhe mandar vir do Porto um bom advogado e eu tenho ouvido dizer que estes senhores são capazes de fazer do preto branco e do branco preto. Quanto mais que elle não matou e a verdade sempre vem a saber-se.

— E a ti' Anna tem a certeza de que não foi elle?

— Assim me Deus salve. Quem tem uma morte ás costas não traz aquella cara; isso sim!... Eu ainda agora o vi, quando os quadrilheiros lhe deitaram a mão que parecia que não era nada com elle. Emquanto a mim, como o fidalgo era femieiro, entrou por 'hi a fazer das suas, até que deu com um pae de cabellino na venta que lhe mandou a alma ao diabo para descanso das raparigas honestas.

— Bem pôde ser — concordou Leonor um tanto sensibilizada por sentir ainda no rosto o olhar ardente do desventurado mancebo.

(Conclue.)

SILVA RAMOS.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

O ALMANACH DAS SENHORAS. Entra no decimo anno ja sua publicação este livrinho interessante, dirigido pela sr.^a D. Guiomar Torrezão. O ultimo abre com um esboço biographico de Miss Marie Carpenter, e encerra versos e prozas firmadas por muitos nomes conceituados nas letras. É perfeitamente justa a popularidade alcançada por este elegante Almanach em Portugal e no Brazil.

THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO



HELENITA NICOLAY

(Segundo uma photographia de A. Madeira)

VIRTUDES CIVICAS, por I. de Vilhena Barboza, 5.^a edição. Livraria Chardron, Porto. — Quando um livro em Portugal tem alcançado como este cinco edições, está plenamente sancionado pela critica. Das Virtudes Ci-

vicas tem-se dito quanto basta para justificar o seu renome e fazer justiça ao merecimento do seu estudioso auctor.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, Livraria Chardron, Porto. — Recebemos os n.^{os} 11 e 12 d'esta curiosa publicação empreendida pelo incansavel editor portuense. Encerra notas e transcripções extremamente interessantes. O n.^o 12 annuncia o novo resumo da *Historia moderna de Portugal*, por João Diniz, e dá em duas pequenas gravuras — ao que suppomos — o especimen de trinta e um retratos de monarchas que a devem illustrar. Em abono da verdade devemos dizer que estes retratos nos parecem extremamente convencionaes como composição e detestaveis como gravura. Pertencem á velha bagagem artistica do segundo quartel d'este seculo, que, no genero, tanta coisa declamatoria e mal desenhada forneceu ás obras illustradas das nossas bibliothecas.

Entretanto que o texto da obra de João Diniz seja bom como ha direito a esperar, e já é uma compensação.

O AMOR DA PATRIA, romance original maritimo, por Francisco Gomes d'Amorim. Edição da Empresa das Horas Romanticas. É offerecido pelo seu conceituado auctor a um cavalheiro que o sr. Amorim denomina — chefe da colonia portugueza no Brazil.

E um romance de contestura bem urdida, cheio de lances commovedores, e despedido inteiramente das qualidades que determinam o caracter das obras que se propõem a ser o evangelho d'uma escola.

Emfim, é um livro que deverá ter uma longa clientela, por ser ainda muito povoada a provincia litteraria em que as obras d'esta natureza são apreciadas.

O sr. Gomes de Amorim é um bom talento e um trabalhador incansavel. O *Amor da Patria* indica-nos que a doença não tem felizmente conseguido domar a actividade do seu florente espirito.

MONOGRAPHIA DO CAFÉ, por Paulo Porto Alegre, socio da Academia das sciencias de Lisboa. — Eis aqui um livro que deverá ter a melhor acceitação entre os

VIAGENS CELEBRES



O capitão Herber

O piloto Andrew Coombs

GOLDEN GATE, ESCALER QUE FEZ A VIAGEM DE BOSTON A CABO VERDE

(Segundo photographias de I. Braga da cidade da Praia)

que se interessam pelo estudo d'aquella maravilhosa planta a que nós todos devemos tantas horas de prazer, e o nosso organismo tantos estímulos proveitosos. Este livro em que o sr. Paulo Porto Alegre faz o estudo d'uma cultura que é hoje a principal riqueza do Brazil, é um bello volume de quinhentas e tantas paginas, excellentemente impresso. A cultura, a estatística, o commercio, tudo o que respeita ao café, no Brazil

e nas diversas regiões em que elle se cultiva, é proficientemente tratado n'esta obra que fica sendo a mais completa na sua especialidade. Nunca dos prelos portuguezes saiu um trabalho que mais acolhimento deva encontrar no Brazil: poucas vezes um escriptor brasileiro, distincto como é o sr. Paulo Porto Alegre, terá escripto um livro mais proveitoso para os interesses do seu paiz.

Agradecemos o excellento volume com que fomos brindados.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6